

Cadernos  
**IHU** *ideias*



ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)  
Ano 17 • n° 287 • vol. 17 • 2019



A tecnologia na vida cotidiana  
e nas instituições:  
Heidegger, Agamben e Sloterdijk

Itamar Soares Veiga

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



 UNISINOS

## A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk

### *Technology in everyday life and in institutions: Heidegger, Agamben and Sloterdijk*

#### **Resumo**

A vinculação do cotidiano com a tecnologia pode ser analisada em diferentes perspectivas. A consequência disto é que emerge uma complexidade a ser enfrentada pelos eixos de qualquer análise mais profunda. No presente estudo, estas perspectivas são orientadas a partir de algumas posições filosóficas de Heidegger, Agamben e Sloterdijk. Em relação a Heidegger, o texto procura mostrar um campo de fenômenos que permita a crítica da tecnologia nos tempos atuais. Através de Agamben, a argumentação explora o conceito de utensílio e de dispositivo, atualizando a discussão sobre tecnologia. E, em Sloterdijk, encontram-se algumas propostas ou alternativas como a de criar uma antropotécnica. Deste modo, o estudo visa fornecer subsídios a uma reflexão sobre o cotidiano, sobre a tecnologia e sobre as instituições. Trata-se de alcançar alguns pontos que tecem a compreensão do mundo tecnológico atual. O texto termina com uma observação sobre o nosso conviver cotidiano e com um destaque sobre as redes sociais.

**Palavras-chave:** técnica, Heidegger, Agamben, Sloterdijk.

#### **Abstract**

The linking between everyday life and technology can be analyzed from different perspectives. The consequence of this is that a complexity emerges to be faced by the axes of any deeper analysis. In the present study, these perspectives are oriented from some philosophical positions of Heidegger, Agamben and Sloterdijk. In relation to Heidegger, the text seeks to show a field of phenomena that allows the critique of technology in current times. Through Agamben, the argument explores the concept of utensil and device, updating the discussion on technology. And in Sloterdijk, there are some proposals or alternatives such as creating an anthropotechnique. Thus, the study aims to provide subsidies for a reflection on daily life, technology and institutions. It is about reaching some points that weave the understanding of the current technological world. The text ends with a remark about our daily life and a highlight about social networks.

**Keywords:** technique, Heidegger, Agamben, Sloterdijk.

Cadernos  
**IHU** *ideias*

**A tecnologia na vida cotidiana  
e nas instituições: Heidegger,  
Agamben e Sloterdijk**

Itamar Soares Veiga

Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Filosofia  
da Universidade de Caxias do Sul-UCS

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)  
ano 17 • nº 287 • vol. 17 • 2019

 UNISINOS

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS 

**Cadernos IHU ideias** é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

**Reitor:** Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

**Vice-reitor:** Pedro Gilberto Gomes, SJ

### Instituto Humanitas Unisinos

**Diretor:** Inácio Neutzling, SJ

**Gerente administrativo:** Nestor Pilz

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

### Cadernos IHU ideias

Ano XVII – Nº 287 – V. 17 – 2019

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

**Conselho editorial:** MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marlene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

**Responsável técnico:** MS Rafael Francisco Hiller

**Imagem da capa:** finger-2081169\_1280\_pixabay

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Editoração:** Gustavo Guedes Weber

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .  
v.  
Quinzenal (durante o ano letivo).  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).  
ISSN 1679-0316  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.  
CDU 316  
1  
32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil  
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467  
Email: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

# A TECNOLOGIA NA VIDA COTIDIANA E NAS INSTITUIÇÕES: HEIDEGGER, AGAMBEN E SLOTERDIJK

*Itamar Soares Veiga*

Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Filosofia  
da Universidade de Caxias do Sul-UCS

## 1. Introdução

Neste artigo procuro apresentar alguns elementos subsidiários para a reflexão do contexto geral que une cotidiano e tecnologia. Penso que uma das funções da filosofia é mostrar alguns pontos que estão dentro de um campo de debate possível sobre temas que envolvem uma complexidade potencialmente crescente. Estes pontos devem se tornar acessíveis a todos aqueles que entram neste campo de debate e, se este for efetivado, então a filosofia cumpriu algo de seu próprio papel.

Os temas enfocados pela análise filosófica são geralmente complexos, mas, no que diz respeito especificamente ao que iremos tratar aqui, a complexidade se estende para além da área da filosofia e chega a outras áreas de conhecimento. Não se trata de uma opção, mas sim de um entrelaçamento de fenômenos cuja compreensão exige um olhar mais ampliado. Este entrelaçamento está no título mesmo deste texto, ou seja, está na junção entre cotidiano e tecnologia. Por isso a complexidade é maior, mais extensa: o entrelaçamento, se for cada vez mais estreito, dificulta a distinção entre o que é próprio do cotidiano e o que é próprio da tecnologia.

O cotidiano é demasiadamente variado e rico para se tornar, por si só, um tema seguro de investigação: cotidiano de quem? De qual região? Cidade? País? Qual tipo de cotidiano? Cotidiano do trabalho? Cotidiano das relações entre pessoas? O mesmo ocorre em relação à tecnologia: tecnologia de que tipo? Tecnologia diferente da descoberta científica?

Tecnologia voltada ao mercado de consumo? Tecnologia como recurso disponível? Compreendida apenas economicamente? De qual tecnologia estamos falando?

Não se trata de responder a cada uma dessas perguntas, mas sim de fornecer alguns subsídios para uma reflexão a respeito do cotidiano e da tecnologia. O nosso objetivo neste estudo é contribuir para esta reflexão a partir de elementos filosóficos. Estes elementos serão destacados de três autores: Heidegger, Agamben e Sloterdijk. Em relação a Heidegger, mostraremos como ele abre um campo de fenômenos a ser investigado e um certo caráter antecipatório de sua visão a respeito das modificações que o homem iria enfrentar. Em relação a Agamben, mostraremos uma articulação da técnica, recuperando a dimensão do utensílio como ponto de apoio a uma análise. Em relação a Sloterdijk, mostraremos como ele procura propor alternativas sob uma influência nietzschiana e destacaremos a sua proposta de uma antropotécnica. De antemão, é preciso dizer que esses três filósofos não podem ser compreendidos apenas pelos elementos que aqui serão destacados. Eles são autores de muitas obras publicadas e comentadas em vários círculos dentro da filosofia acadêmica. Cada um deles possui um espectro de influência vertical, mas também abrangente. Essa abrangência alcança, não raramente, uma área interdisciplinar, para além da filosofia acadêmica, portanto os seus intérpretes estão disseminados em várias áreas do conhecimento, e o que apresentamos aqui são apenas alguns aspectos das suas reflexões.

Este é o quadro inicial desafiador, composto, por um lado, pela união entre cotidiano e tecnologia e, por outro lado, pela análise pontualmente orientada por esses três autores. Mas qual será a nossa estratégia? É difícil fornecer uma resposta imediata, mesmo porque uma resposta imediata tende a obscurecer a própria dificuldade a respeito de escolher. Em função disso, talvez o mais indicado seja fazer com que a dificuldade mostre o caminho que está velado, deixando-a demorar-se um pouco. E, para tomar esta direção, talvez devamos discorrer um pouco mais. Um avanço mais cuidadoso neste campo tende a valorizar como se pode capturar compreensivamente o tema “cotidiano e tecnologia”, realizando esta captura com o auxílio dos três autores em foco.

Qual será a estratégia de abordagem?

Uma estratégia simples e direta seria escolher um ou dois pontos em cada um destes três autores e conduzir a exposição a partir destes pontos. Isto teria um aspecto arbitrário, porque os pontos seriam escolhidos por algum critério e eles imporiam uma direção ao estudo. Mas, de alguma forma, esta arbitrariedade é quase inevitável e, para que ela seja dirimida, é preciso

que os critérios da escolha sejam esclarecidos. Entretanto, cumprir esta condição é complicado: os três autores possuem uma produção filosófica muito grande e, diante de tal produção, uma justificativa dos próprios critérios da eleição de determinados pontos exigiria pelo menos uma síntese interpretativa e um desenvolvimento argumentativo justificador. Estas duas ações representariam, praticamente, escrever todo um livro a respeito. Não cabe escrever aqui um livro, pois o que estamos fazendo é uma exposição breve com o objetivo de delinear articulações que nos façam compreender algo dos três autores e o mundo em que vivemos.

Por outro lado, pode-se acrescentar que um dos problemas desta estratégia seria, também, a condução inicial da discussão por meio dos três autores dentro do tema que queremos tratar: cotidiano e tecnologia. O tema possui uma diversidade de pontos de acesso que não deve ser desprezada. Neste sentido, talvez seja mais importante manter essa diversidade como elemento determinante do que fazer uma pontualização orientada por uma escolha que não será plenamente a sua justificativa. O mesmo ocorre na abordagem do cotidiano, com a diversidade de elementos que o constitui, incluindo as instituições, como elemento pertencente à vida diária comum. As instituições permeiam o cotidiano e nelas se apresenta o vínculo com a tecnologia.

A sugestão é a de que a estratégia deve visar primeiramente o próprio cotidiano e, com isso, remeter ao que nos é mais imediato e regular. Dentro do cotidiano, deve-se perguntar sobre os autores, ou melhor, sobre quais seriam os pontos que constituiriam uma contribuição para refletir sobre o mundo atual. O que podemos perguntar sobre estes autores? Uma pergunta bem simples seria a seguinte: por que há um interesse na filosofia de Heidegger, de Agamben e de Sloterdijk? Certamente os três autores possuem elementos muito próprios e originais. A compreensão destes elementos, em princípio, deveria ser sustentada por uma articulação, mas esta articulação representa uma exigência muito pesada. Isto foi referido antes, quando mencionamos que, para justificar os critérios de escolha de pontos a serem destacados nestes autores, deveríamos praticamente escrever um livro.

O interesse que estes três autores despertam, quase de uma forma imediata, certamente deve-se ao tema em discussão: tecnologia e cotidiano. Em relação a esse tema há uma compreensão comum que aceita esta associação entre tecnologia ou o seu uso e a prática diária cotidiana. Mas, frente aos três autores não existe uma compreensão imediata disseminada. Isto tem como efeito despertar curiosidade e perguntas: o que o filósofo Heidegger tem a dizer sobre a tecnologia? E o que diriam Agamben e Sloterdijk? A exploração desta curiosidade

deve reforçar o impulso de buscar uma explicação que torne o nosso mundo mais compreensível para nós mesmos. Em alguma medida, a nossa incompreensão de mundo se deve a algum motivo. Este motivo pode ser a complexidade em si. E esta complexidade geralmente é associada à tecnologia, principalmente quando se interroga a respeito de como ela funciona. Mas a importância do uso da tecnologia tende a contornar este impulso curioso e mergulhar os indivíduos no simples uso dos dispositivos. Enfim, as perguntas são difíceis e exigem que se conheça cada um dos três autores. Neste sentido é importante escolher um ponto de partida mais adequado, pois não devemos fazer uma verdadeira exegese de cada um deles, isto não seria possível sem ultrapassarmos os limites deste texto. A nossa escolha será orientada por estas limitações: vamos tratar os três autores a partir de uma divisão do próprio cotidiano, no qual, atualmente, estamos sempre nos relacionando com a tecnologia.

Faremos uma divisão da exposição, orientando-nos pelas características dos três autores. Esta divisão seguirá uma abordagem que apresenta diferentes recepções a respeito do cotidiano e, em cada uma destas recepções, há uma relação com a tecnologia. Assim, temos uma divisão que é a seguinte: (a) indicação do campo dos fenômenos e como este campo foi tensionado em um ponto; (b) delineamento do que significa agir dentro deste campo de fenômenos tensionado, considerando que uma ação levará em conta o movimento de uma articulação dentro do cotidiano; (c) exploração das consequências mais amplas e exemplificação de novos possíveis fenômenos. Esta divisão tripartite deve combinar respectivamente com cada um dos três autores: Heidegger, depois Agamben, depois Sloterdijk, nesta ordem.

## **2. Desenvolvimento**

Vamos iniciar com Heidegger; ele será o filósofo escolhido para mostrar que o campo dos fenômenos na época atual assumiu uma forma tensionada em função da tecnologia. Melhor dizendo: a tecnologia, que é um dos fenômenos pertencentes à atualidade, alcançou uma proeminência tal que o campo de fenômenos (não tecnológicos) convergiu na direção dos dispositivos tecnológicos, valorizando-os. O campo ficou tensionado. Como Heidegger pode ser compreendido nesta imagem de um campo de fenômenos tensionado?

Algumas palavras-chave podem ser elencadas para auxiliar a nossa compreensão sobre a perspectiva heideggeriana do mundo atual. Estas palavras-chave são: metafísica, verdade e época, que podem ser vistas



na passagem retirada do texto *A época da imagem de mundo*, de 1938. A passagem diz o seguinte:

No âmbito da metafísica realiza-se a reflexão sobre a essência do ente e uma decisão sobre a essência da verdade. A metafísica funda uma época à medida que ela dá o fundamento da sua forma essencial por meio de uma determinada interpretação do ente e uma específica concepção da verdade. Esse fundamento domina todos os fenômenos que distinguem a época. Inversamente, o fundamento metafísico deve revelar-se nesses fenômenos a uma reflexão suficiente a seu respeito. Reflexão é a coragem de tornar as verdades das pressuposições próprias e o espaço das metas próprias na questão mais digna de ser problematizada. (HEIDEGGER, 2005, p. 191).

A importância da metafísica reside na interpretação de que ela “funda uma época”. Trata-se aqui de uma interpretação que está orientada pelo ente (aquilo que é), pois a metafísica, conforme a citação acima, assume “uma determinada interpretação do ente” por meio de “uma específica concepção da verdade”. Portanto, já nesta passagem as três palavras-chave são relacionadas: a *metafísica* é a interpretação que percorre internamente uma *época* e ela o faz por meio de uma concepção da *verdade*. A seguir, podemos perguntar quase imediatamente: qual é a nossa época? E qual seria a interpretação do ente? Dentro de qual concepção de verdade? Para responder a essas perguntas, devemos fazer um desvio em direção a um fenômeno determinante não somente da nossa época, mas desde o século XVIII: a ciência.

A ciência possui duas principais formas de abordagem. Estas duas formas não são excludentes, mas dependem dos propósitos da análise. Neste caso, a análise pode ser mais ampla ou mais específica. De uma forma ampla, a ciência possui um caráter derivado, embora ela domine a verdade sobre os entes. Ela estabelece uma hegemonia dentro da época em que vivemos. Nas proposições sobre a ciência, em seu livro *Beiträge*, o autor afirma: “A ciência é uma organização derivada de um saber, isto é, a apresentação artificial de um âmbito de certezas, internas à circunscrição de uma verdade antes oculta e, para a ciência, nem mesmo digna de ser questionada (sobre a *natureza*, a *história*, o *direito*, etc.)”. (HEIDEGGER, 1989, p. 145). Por outro lado, de uma forma mais específica, a ciência se manifesta como algo mais familiar na nossa época, principalmente, quando empregamos a expressão “técnica”. Neste sentido, retornando ao texto *A época da imagem de mundo*, Heidegger analisa a “técnica”, relacionando-a com os tempos mais recentes:

Aos fenômenos essenciais da modernidade pertence a sua ciência. Um fenômeno de igual grau de importância é a técnica mecânica, porém não se pode interpretá-la falsamente como mera aplicação à práxis da moderna ciência matemática da natureza. A técnica mecânica é, ela mesma, uma transformação independente da práxis, de tal modo que esta principalmente exige um emprego da ciência matemática. A técnica mecânica permanece até agora o rebento mais visível da essência da técnica moderna, que é idêntica à essência da metafísica moderna. (HEIDEGGER, 2005, p. 191-192).

A análise de Heidegger destaca a vinculação entre a ciência matemática moderna e a técnica mecânica. Esta vinculação acontece em um horizonte a respeito do qual se realiza uma “reflexão” sobre a “essência do ente” e, também, uma “decisão sobre a essência da verdade”. Trata-se de descobrir o que permite esta “essência” e esta “decisão”. Este horizonte se descortina como uma época determinada, distinta das demais, ou especificamente, como a nossa época. Assim, dentro dessa nossa própria época, devemos encontrar esta posição que permite refletir a respeito da “essência” e da “decisão” sobre o ente. E decidir sobre o ente é decidir sobre a sua verdade. Contudo, o que se percebe na busca desta posição é um direcionamento, uma tensão característica que aponta um fenômeno destacado: a junção entre a ciência matemática e a técnica.

Se a própria época se encontra necessitada de uma reflexão, esta reflexão passa pelo fenômeno que é simplificada e denominado de ciência ou tecnologia. Mas como refletir a respeito, se a ciência pretensamente toma o lugar de toda reflexão dentro da nossa época? É preciso transpor o limite e o padrão impostos pelo próprio fenômeno (científico, tecnológico ou inovador) e alcançar o humano. Neste esforço se apresenta novamente a filosofia. Mas como é esta filosofia? A resposta indica que a filosofia não pode ser a mesma que gestou e acompanhou todo o surgimento da ciência moderna e, depois, confrontou as novas formas e durante as duas guerras mundiais. Por isso é preciso perguntar qual seria esta filosofia que lidaria com a tarefa de pensar a época atual dominada pelo fenômeno da ciência e/ou tecnologia.

Quando, em 1966, um repórter da *Der Spiegel* fez uma pergunta semelhante a Heidegger sobre como podemos dizer o que seja o lugar da filosofia naqueles dias (década de 60), Heidegger respondeu: a “cibernética!” A passagem completa é a seguinte:

*Spiegel*: Já mencionamos Kant, Hegel e Marx como grandes movimentadores. Mas também de Leibniz saíram impulsos – para o desenvolvimento da física moderna e com isso para o nascimento do

mundo moderno. Nós achamos, que há pouco o Sr. disse, já não contar hoje em dia com um tal efeito.

*Heidegger:* No sentido da filosofia, não mais. O papel exercido até aqui pela filosofia assumiu hoje as ciências. Para um esclarecimento suficiente da “influência” do pensamento, deveríamos discutir mais profundamente o que aqui poderá significar ação e agir. Neste assunto haveria a necessidade de distinções mais profundas entre ocasião, impulso, promoção, subvenção, impedimento e colaboração, se discutíssemos suficientemente o princípio da razão. A filosofia se dissolve em ciências particulares: a psicologia, a lógica, a politologia.

*Spiegel:* E quem ocupa agora o lugar da filosofia?

*Heidegger:* A cibernética!

*Spiegel:* Ou a piedade do pensamento que se mantém aberto?

*Heidegger:* Mas isso já não é filosofia. (HEIDEGGER, 1977, p. 81-82).

O fato de que a ciência tenha papel da filosofia por meio de uma dissolução “em ciências particulares” cumpriria, para Heidegger, o próprio destino da filosofia no Ocidente. No entanto, nos dias de hoje ainda existe a filosofia e a sua prática, então como compreender esta dissolução? É neste sentido que insiste o repórter da *Der Spiegel*. Mas Heidegger retorna e responde que o lugar para uma prática efetiva da filosofia é a “*cibernética*”, termo inaugurado por N. Wiener em 1954.

Qual é a característica da cibernética?

A cibernética tem uma relação indispensável com trocas de informações e um retorno desta troca de informações denominado de *feedback*. Diante disso, a própria construção técnica é envolvida por este “retorno” (pelo *feedback*) nos seus mais pequenos detalhes, tendo-se em vista um determinado resultado. Um exemplo disso é o funcionamento interno de uma CPU, ou mesmo de algo mais simples: um aparelho de ar-condicionado. Ambos possuem dispositivos internos emissores de sinais que dão um retorno do desempenho atual e regulam o funcionamento como um todo conforme o *feedback*. Eles se autoajustam porque visam manter um resultado predeterminado. Portanto, a cibernética não somente é um processo de controle e de troca de mensagens (dados), mas é um processo que pretende uma autorregulação a partir de suas saídas (*output*), verificando se elas são as que foram esperadas. Há uma complexidade aqui e Heidegger está dizendo: se a filosofia deve fazer algo hoje em dia, este algo é enfrentar esta complexidade. A cibernética está vinculada necessariamente com a tecnologia atual.

Mas esta posição justaposta entre a filosofia e a cibernética não é o único exemplo de aproximação manifesta que Heidegger exprime sobre a época mais atual. Ele fornece um outro exemplo, no qual podemos perceber uma lucidez e, até mesmo, uma antecipação inesperada. Ele o faz ao discorrer sobre a possibilidade de o homem vir a modificar o próprio homem. Nos dias atuais, esta modificação se torna cada vez mais próxima com as técnicas de edição genética. As palavras surpreendentes de Heidegger estão em uma resposta ao prof. Wisser, durante uma entrevista para TV em 1969 (aniversário de 80 anos do filósofo):

Eu devo dizer do início, que não sou contra a técnica e tampouco contra o que se chama de caráter “demoníaco” da técnica. Mas tento compreender a essência da técnica. Quando o sr. evoca essa ideia do perigo representado pela técnica, eu penso naquilo que hoje se desenvolve sob o nome de biofísica, no fato de que, dentro de um tempo previsível, nós estaremos em condições de fabricar o homem, quer dizer, construí-lo em sua própria essência orgânica, tal como ele se fizer necessário: homens hábeis e inábeis, inteligentes e estúpidos. Vamos chegar lá! As possibilidades técnicas estão hoje a ponto de fazê-lo e elas já foram objeto de uma comunicação de alguns prêmios Nobel numa reunião em Lindau - sobre este assunto eu já falei numa conferência pronunciada em Messkirch, há alguns anos.

Então é preciso, antes de tudo, evitar o mal-entendido, segundo o qual eu seria contra a técnica.

Na técnica, a saber, em sua essência, eu vejo que o homem é posto sob o domínio de uma potência que o leva a revelar seus desafios e diante da qual ele não é mais livre - eu vejo que algo se anuncia aqui, a saber, uma relação, que se dissimula na essência da técnica, poderia um dia desvelar-se com toda clareza. (HEIDEGGER, 1969, p. 14-15).

A essência da técnica que poderia se desvelar “com toda clareza” é aquela de uma dominação peculiar. Esta dominação diz respeito a uma potência que *convoca* o homem a “revelar seus desafios”. Neste sentido, o homem “não é mais livre”. Esta situação não se torna um problema imediato, porque a relação entre o homem e a técnica encontra-se dissimulada, embora, um dia, possa se revelar tal como é, com “toda clareza”. Mas, ainda assim, mesmo na clara revelação que poderá acontecer, o homem permanece não livre perante a potência da técnica que o *convoca* a uma dominação.

As palavras de Heidegger retomam muito as ideias de sua conferência de 1953: “a questão da técnica”. Nesta conferência ele tratou,

também, do tema do *perigo*. O perigo existirá quando a técnica voltar-se para o homem enquanto *recurso* explorável e não somente para a natureza, como, por exemplo, na exploração por meio de uma usina de carvão ou no represamento de um rio. Após mais de uma década, na entrevista ao professor Wisser (1969), citada mais acima, ele faz o que parece ser uma atualização desse tema do perigo e o exemplifica pela possibilidade de o homem “fabricar o homem” na sua “essência orgânica”. Neste caso, mais uma vez está implicado o uso do homem como um recurso a ser explorado dentro do mote de convocação que a técnica faz ao homem.

Este novo exemplo de Heidegger, diferente do represamento do rio para explorar a energia convertida em eletricidade, é mais próximo dos dias de hoje. Isto pode ser mostrado a partir das novas técnicas de edição genética. Estas técnicas não somente remetem a uma exploração dos diversos tipos de células-tronco, mas, desde 2015, a uma edição do próprio DNA. Essa nova técnica é denominada de CRISPR Cas9. Ela está sendo testada em pacientes humanos.

Heidegger é um filósofo que não é “contra a técnica”, como ele mesmo afirma na reportagem. Ele fornece subsídios para se refletir sobre este destacado fenômeno da nossa época que é técnica, ou afirmando de forma mais completa: que é o resultado da valorização da ciência enquanto tecnologia e enquanto provê um produto denominado de inovação aceito, respectivamente, pelo mercado. Heidegger fornece um foco para o horizonte de fenômenos que deve ser analisado por aqueles que se dedicam à filosofia. Uma vez estabelecido este fenômeno, vetor de todo um horizonte de uma época que é a técnica, podemos explorar as suas características em sua articulação interna mais preponderante e em uma especulação sobre o seu possível futuro. Para fazer ambas as atividades, primeiramente apresentaremos uma abordagem baseada em Giorgio Agamben e, para a especulação sobre o futuro, tomaremos o auxílio de algumas proposições de Peter Sloterdijk.

Agamben mostra uma articulação importante dentro deste campo geral de fenômenos, o qual, como vimos antes, é acentuado em uma das suas direções internas: o fenômeno da técnica. Ele recupera as posições de Heidegger nas diferentes fases das obras deste filósofo e desenvolve uma posição própria a partir de um tema latente: o utensílio. Para compreendermos isto, é necessário antes recuperar alguns pontos destacados do percurso de Heidegger. Estes pontos dizem respeito a uma relação imediata e regular do *Dasein* (ser-aí) no mundo. Neste sentido, com a tematização sobre o uso das coisas e a familiaridade, tópicos que dizem respeito à concepção de utensílio que Agamben deseja retomar, ele co-

meça afirmando que: “Em *Ser e tempo*, a familiaridade e a manipulabilidade definem o lugar da relação originária e imediata do ser-aí com o mundo. Contudo, tal relação é intrinsecamente determinada por um caráter instrumental irreduzível, que a constitui como relação de uso [...]” (AGAMBEN, 2017, p. 89). Mas logo assinala uma modificação no percurso de Heidegger após *Ser e tempo*, quando este assume uma outra abordagem em relação ao ente e ao ser. Sobre este outro contexto, Agamben afirma: “Anos depois, no ensaio *A origem da obra de arte*, Heidegger volta ao tema do utensílio. E isso acontece por meio da análise do utensílio mais comum e ordinário possível: um par de sapatos de camponês [...]” (AGAMBEN, 2017, p. 89). Finalmente, a análise que ele constrói sobre esses dois momentos da obra de Heidegger é:

O homem que Heidegger descreve é dominado pelos utensílios, entrega-se a sua “servibilidade”, e só por meio desta tem acesso a seu mundo. A relação com o utensílio define, nesse sentido, a dimensão humana. Contudo, seria possível afirmar que Heidegger procura de qualquer maneira livrar o homem dos limites estritos dessa esfera, que coincide com a do uso. E o faz, em *Ser e tempo*, substituindo o uso pelo cuidado e, no ensaio sobre *A origem da obra de arte*, primeiro pela confiabilidade e, depois, subordinando o utensílio à obra de arte, que põe em obra a verdade do ser que o utensílio sempre corre o risco de perder na servibilidade. (AGAMBEN, 2017, p. 91).

A explicação do acesso ao mundo é um estágio importante para o esclarecimento do ente que é o homem. Ora, que este acesso tenha sido tematizado, em Heidegger, pela manipulabilidade e pela familiaridade e, depois, pelo utensílio, não torna a explicação completa. Justamente no que diz respeito ao utensílio, há um direcionamento final ainda a ser feito. Agamben diz, muito corretamente, que Heidegger faz este direcionamento, mas o faz para o tema da verdade do ser. Este tema contém outros conceitos heideggerianos bastante densos e importantes como a “história do ser”, “os sentidos epocais” e, também, o “acontecimento-apropriação” (*Ereignis*). Entretanto, tanto a manipulabilidade e a concepção de utensílio (a utensibilidade) possuem o foco sobre o *uso* e este denota uma “servibilidade”. A servibilidade é incômoda para Heidegger. E a consequência deste incômodo é que ele não vai aprofundar a utensibilidade, tendo em vista o mundo técnico. Ele perseguirá a via da história do ser e do destino do Ocidente, tópicos para serem tratados em outro momento.

Agamben, diferentemente, vai assumir a tarefa ao pensar sobre esta “utensibilidade” ou “instrumentalidade” como “uso dos corpos” e, assim, pensar na contracorrente: “Tentemos percorrer na contracorrente o per-

curso heideggeriano e interrogar novamente a instrumentalidade como caráter essencial da técnica. (AGAMBEN, 2017, p. 93). A forma como Agamben interroga “novamente a instrumentalidade” é a seguinte:

De fato, é possível que exista, no instrumento técnico, algo diferente da simples “servibilidade”, mas este “diferente” não coincide, conforme pensava Heidegger, com um novo e decisivo desvelamento-velamento epocal do ser, e sim com uma transformação no uso dos corpos e dos objetos, cujo paradigma originário deve ser buscado naquele “instrumento animado” que é o escravo – a saber, o homem que, ao usar seu corpo, é na realidade usado por outros. (AGAMBEN, 2017, p. 96).

Qual é o ponto de partida para pensarmos que no “instrumento técnico” exista “algo diferente da “servibilidade”? Este ponto de partida remete aos antigos, como Aristóteles, que mencionaram a concepção de um “instrumento animado”, que é o escravo. Segundo Agamben, esta concepção sobre a utensibilidade, surgida no mundo antigo, sobreviveu na Idade Média e, após isto, permaneceu sem uma tematização mais detida.

O prosseguimento desta tematização repousa na condição do que seja um “instrumento animado” e a sua diferença frente a um mero “instrumento”. O primeiro é mais aberto do que o segundo. E esta abertura oferece uma “disponibilidade infinita”. Este tipo de disponibilidade, no mundo antigo, existia somente no escravo, pois este era o único “instrumento animado” de que os antigos dispunham. Um instrumento que será “usado por outros”. A abordagem de Agamben é bem diferente daquela de Heidegger, baseada na história do ser e na essência da técnica como fio condutor ao desvelamento do destino onto-teológico do Ocidente.

Para detalhar um pouco mais o ponto de partida de Agamben, podemos citar a seguinte passagem:

Enquanto para o homem antigo o instrumento acaba anulado no *ergon* que ele produz, assim como o trabalho desaparecia em seu resultado, agora a operação do instrumento cinde-se em um fim próprio e em uma finalidade extrínseca, fazendo emergir dessa maneira a esfera de uma instrumentalidade que pode ser dirigida para qualquer fim. O espaço da técnica abre-se, nesse ponto, como a dimensão de uma medialidade e uma disponibilidade propriamente ilimitadas, porque, mesmo mantendo-se vinculado à própria ação, o instrumento tornou-se autônomo em relação a ela e pôde referir-se a qualquer finalidade extrínseca. (AGAMBEN, 2017, p. 96).

Na época atual, esta autonomia do “instrumento animado” não representa uma liberdade ilimitada para o homem que é o seu usuário, pois, no lidar com o mundo técnico, já estamos colocados perante algu-

mas opções predeterminadas por um programador. Um aspecto importante da citação anterior é justamente esta disponibilidade ilimitada que se instaura em nosso cotidiano e nas instituições que nos cercam a partir dos avanços do processamento digital. O modo como esta “disponibilidade ilimitada” é personificada na tecnologia atual predetermina as nossas opções e tem uma relação direta com a capacidade atual em prever nossas escolhas. Esta capacidade é alcançada pelo uso de modelos preditivos elaborados por diferentes algoritmos de aprendizado de máquina (*Machine Learning*) e por redes neurais artificiais (*Deep Learning*). Neste sentido, a obediência manifestada pelo “instrumento animado” (hoje poderíamos dizer: o assistente de inteligência artificial) em relação às nossas vontades é algo discutível. Agamben é muito lúcido a respeito, por isto afirma:

É legítimo supor que a absoluta instrumentalidade que aqui é pensada constitua de algum modo o paradigma das tecnologias modernas, que tendem a produzir dispositivos que incorporaram em si a operação agente principal e, por isso, podem “obedecer” a seus comandos (mesmo que estes estejam na realidade inscritos no funcionamento do dispositivo, de maneira que aquele que os usa, pressionando “comandos”, obedeça, por sua vez, a um programa predeterminado). (AGAMBEN, 2017, p. 100).

No entanto, estamos imersos em um cotidiano repleto de dispositivos tecnológicos que estão oferecendo as suas opções de obediência predeterminadas por um programa. A complexidade destas opções e o seu grande volume dissipam a desconfiança de que sejam pré-programados durante a escolha. Na realidade, no processamento de *softwares* inteligentes, cada vez mais numerosos e utilizados, persiste uma lacuna que impede que a programação seja meramente reativa, estabelecendo um campo de probabilidades perfeitamente circunscrito com uma margem de erro baixíssima nas previsões. Há o uso de uma perspectiva probabilística das opções possíveis. A elaboração destas perspectivas probabilísticas pelos modelos preditivos de *Machine Learning* é muito eficiente e completa, embora, importante ressaltar, não completamente isenta de conter os preconceitos do programador, seja na preparação dos dados de treino, seja na escolha do tipo de algoritmo de aprendizagem, uma vez que existem muitos disponíveis.

O importante é que o hoje o antigo “instrumento animado” (o escravo) está sendo substituído pelo uso de tecnologia massiva no nosso cotidiano e em nossas instituições. Há uma outra espécie de escravo. Mas, ironicamente, o uso não impede que aconteça uma espécie de inversão. Ou seja, dentro da realidade predeterminada por *softwares* inte-



ligentes orientados por modelos preditivos, parece que não é mais o *software* que nos obedece, mas nós é que obedecemos ao *software*. Não podemos esquecer que nesta inversão a imagem do escravo muda de posição. Afinal quem é o “instrumento animado”, o “escravo”? O *software* ou nós?

Em relação ao *software* inteligente, a sua atual constituição e uso geram dúvidas, mas isto será tratado mais adiante. As possíveis dúvidas estão associadas com uma hipertrofia que será tratada a seguir. Agamben tem uma passagem que se aproxima dela e a vincula com a “escravidão”. Ele afirma: “[...] E, se a hipótese de um nexos constitutivo entre a escravidão e técnica for correta, não causa espanto que a hipertrofia dos dispositivos tecnológicos tenha produzido uma nova e inaudita forma de escravidão.” (AGAMBEN, 2017, p. 102).

A “hipertrofia” se explicita na medida em que o fim da escravidão abriu a possibilidade de um desenvolvimento da técnica e nisso: “[...] enquanto sua relação com a natureza não é mais mediada por outro homem, mas por um dispositivo, o homem afastou-se do animal e do orgânico para se aproximar do instrumento e do inorgânico até quase identificar-se com ele”. (AGAMBEN, 2017, p. 102). Esta aproximação gera consequências como a perda do “uso dos corpos” e, com isto, a perda de uma “relação mais imediata com a própria animalidade”, e “o homem moderno não pôde apropriar-se realmente da libertação com relação ao trabalho que as máquinas deveriam ter-lhe proporcionado”. (AGAMBEN, 2017, p. 102). Assim, na “hipertrofia”, surge uma forma “nova e inaudita” de escravidão entre nós mesmos; fiscais de nosso próprio trabalho e desempenho, estamos mergulhados na tecnologia digital, em uma busca não muito consciente de novas formas de organização entre as pessoas. Sobre estas novas formas, veremos a seguir algumas propostas de Sloterdijk, passando agora para o nosso terceiro autor.

Peter Sloterdijk mereceria um tratamento mais alongado do que o possível neste texto tripartido. É um pensador muito original e envolvido com os fenômenos mais próximos das operações técnicas. Ele realiza uma crítica à filosofia mais tradicional ou acadêmica e possui iniciativas muito interessantes sobre a cultura, a sociedade e a tecnologia. Na abordagem que faremos a seu respeito, queremos apenas assinalar alguns tópicos da sua filosofia e mostrar como a própria filosofia pode adquirir uma forma mais consoante ao mundo digital em que vivemos, inclusive propondo-se a apontar caminhos. Neste intuito, a exposição sobre Sloterdijk procura mostrar indícios de elementos concretos de como a relação entre as pessoas e a tecnologia está evoluindo. Isto deve mostrar que a postura do pensador, do filósofo e do intelectual, por mais polêmica que

seja, deve buscar uma ressonância quando se aproxima dos eventos do mundo informatizado.

Inicialmente, vamos mostrar a diferença de Sloterdijk e as abordagens filosóficas mais tradicionais. Esta diferença pode ser encontrada em seu livro, originado por uma conferência e intitulado *Regras para o parque humano* (1999). De uma forma direta podemos ver a posição de Sloterdijk já neste trecho:

É a marca da era técnica e antropotécnica que os homens mais e mais se encontrem no lado ativo ou subjetivo da seleção, ainda que não precisem ter se dirigido voluntariamente para o papel do selecionador. Pode-se ademais constatar: há um desconforto no poder de escolha, e em breve será uma opção pela inocência recusar-se explicitamente a exercer o poder de seleção que de fato se obteve. Mas tão logo poderes de conhecimento se desenvolvam positivamente em um campo, as pessoas farão uma má figura se – como na época de uma anterior incapacidade – quiserem deixar agir em seu lugar um poder mais elevado, seja ele Deus, o acaso, ou os outros. Já que as meras recusas ou abdições costumam falhar devido a sua esterilidade, será provavelmente importante, no futuro, assumir de forma ativa o jogo e formular um código das antropotécnicas. Um tal código também alteraria retroativamente o significado do humanismo clássico – pois com ele ficaria explícito e assentado que a *humanitas* não inclui só a amizade do ser humano pelo ser humano; ela implica também – e de maneira crescentemente explícita – que o homem representa o mais alto poder para o homem. (SLOTERDIJK, 2000, p. 44-45).

Há uma recusa do humanismo clássico que já não mais possui efetividade e aceitação dentro da época da técnica. O poder de escolha, na época atual, está gradativamente convergindo para os *softwares*, os quais, justamente por estarem abertos a um leque de alternativas probabilísticas, são denominados de *inteligentes*. Em outras passagens desta conferência de 1999, Sloterdijk menciona o termo “domesticação” do humano em contraponto com o termo “educação”. O propósito da educação e a efetividade de sua prática estariam ainda inscritos dentro de uma concepção moderna de mundo e motivados por um propósito iluminista. A simples leitura de livros não parece mais conter os impulsos desinibidores dos humanos que devem ser educados. É preciso confrontar esta necessidade de “educar” de uma forma mais direta e ativa, com uma técnica; logo, há uma passagem de uma antropologia para uma antropotécnica.

A elaboração de um “código” para as antropotécnicas teria como propósito não somente cobrir as necessidades mais inerentes ao ser huma-

no, mas, também, estabelecer de forma ativa o poder humano sobre o próprio homem. Aqui há uma substituição do papel da antropologia tradicional orientada metafisicamente por um conceito. Não se trata mais de pensar um conceito-base, mas de efetivar uma aplicação, a ação técnica vinculada ao homem com o propósito de ensiná-lo a viver. Sloterdijk faz uma revisão do propósito das antropologias em geral, retomando rapidamente desde Platão, e conclui que se deve partir diretamente para uma técnica explícita de administração dos parques temáticos humanos, os quais seriam as cidades.

A ação de uma técnica tem em vista não somente um aspecto individual, mas, também, o âmbito individual. Assim, sob uma inspiração nietzschiana, a qual já existia no livro de 1999, ele escreve em 2009: *Du musst Dein Leben ändern. Über Antropotechnik* (“Você deve mudar a sua vida! – Sobre a antropotécnica”), um estudo para sustentar a prática de uma ascese. Trata-se de uma convocação a um exercício de uma ascese, a qual se explicita em satisfazer uma “tensão vertical”. Cada um conhece o seu próprio “aprumo” ou a sua “tensão vertical”. Sloterdijk explica isto da seguinte forma:

“Você tem que mudar sua vida!” isso significa [...] Você deve prestar atenção para o seu aprumo interior e examinar como a tração do polo superior age sobre você! Não é o andar reto que transforma o homem em homem, mas a consciência emergente do declive interior que faz com que o homem se levante. (SLOTERDIJK, 2009, p. 99).

Há uma influência de Nietzsche sobre o autor. A tarefa que está colocada é a de não soçobrar, mas manter a sua “tensão vertical”, na qual o homem está inquieto perante o mundo que desdobra em desenvolvimentos técnicos no espírito da mobilização total de E. Junger.

E a situação do mundo na época da técnica se manifesta muito semelhantemente com o que afirma Byung-Chul Han, filósofo coreano, radicado na Alemanha. Em um livro de 2012 (em português, 2017), ele afirma que vivemos em uma sociedade da transparência (explicitada tecnologicamente pelas redes sociais) na qual se destacam o cansaço e a necessidade de manter um desempenho. Neste sentido, a posição de Sloterdijk adquire alguns contornos, talvez sinistros, mas plenamente convertíveis para as exigências da atualidade. Esta conversão deve ser pensada com cautela. De forma imediata parece sugerir uma simples dedicação e incorporação nos processos produtivos e de consumo atuais: mude a sua vida! Mas, no caso de Sloterdijk, trata-se, principalmente, de encontrar novas formas em novos tempos:

Agora está na época de lembrar novamente de todas as formas da vida de exercícios que não param de libertar energias *salutogênicas* mesmo quando as exaltações na direção de revoluções metafísicas, nas quais elas estavam integradas inicialmente, se dissiparam. Formas velhas devem ser examinadas, referente à sua reutilização, novas formas devem ser inventadas. Um novo ciclo de secessões deve começar, para tirar os homens novamente – senão do mundo – do embotamento, da depressão, do fanatismo, mas acima de tudo da banalidade, da qual Isaac Babel dizia que ela seria a contrarrevolução. (SLOTERDIJK, 2009, p. 698).

Peter Sloterdijk defende que devemos estar atentos para manter esta “tensão vertical” e aprumado o “polo superior”, mesmo na época em que a técnica tende a nivelar tudo e afastar a negatividade do outro, como diz Byung-Chul Han. Para Sloterdijk, devemos estar atentos porque, na época da técnica, os impulsos desinibidores estão mais despertos no mundo da informação e do consumo. Nesta época atual, quando formas velhas “devem ser reexaminadas”, o exercício de uma ascese deve ser revalorizado, para manter o homem aprumado. O objetivo é retirá-lo de um “embotamento”, da “depressão”, do “fanatismo” e, principalmente, da “banalidade”.

Percebe-se que Sloterdijk é um filósofo diferente. Ele trata diretamente dos fenômenos do mundo técnico e procura apresentar alternativas ativas de como viver a vida, seja sob uma perspectiva mais reduzida e individual com o chamado a uma ascese, seja em uma perspectiva mais ampla como na sua proposta de uma tarefa em construir a antropotécnica.

### 3. Conclusão

O título deste texto menciona tecnologia e está implícita uma compreensão a respeito do nosso mundo. Será que é isto que nos atrai? Compreender mais o nosso mundo? Se isto é verdade, então, desde quando começamos a ter uma compreensão menor do nosso mundo? De que forma que esta necessidade surgiu e cresceu?

A nossa relação com o mundo é complexa, certamente muito mais complexa do que podemos perceber. Há uma interioridade, mas esta interioridade ainda está constituída pelo mundo, antes mesmo que venhamos ou não valorizar um encontro interpessoal ou com alguma coisa. No mundo, há coisas, pessoas, animais e meio ambiente, e nos relacionamos com este conjunto sem ter uma decisão voluntária de entrar em relação ou não. Isto parece razoável, mas quando percebemos que temos uma necessidade de compreender o mundo, parece que estamos

chegando um pouco atrasados na própria pergunta. Ela se torna importante, porque há um foco para o qual converge. Neste momento, este foco é a tecnologia.

Isto pode gerar também uma situação um tanto paradoxal: a tecnologia nos dias de hoje diz respeito principalmente à informação. Mas se temos tecnologia e com ela temos a informação, aliás, muita informação, por que há uma falta de compreensão a respeito do mundo? A resposta inicial é simples e pode ser dada quase como se fosse um jogo de palavras: a tecnologia não nos dá todas as respostas. Ela invade o nosso cotidiano e está no registro e no controle exercido pelas instituições, mas, ainda assim, não deixa a si mesma clara. O mundo não é claro e, talvez, algo sobreposto ao mundo passe a impressão de ser algo claro, utilizável e transparente, este é o caso das redes sociais. Assim, transmutamos momentaneamente o foco da tecnologia para as redes sociais, um tópico de compreensão mais imediata e igualmente tecnológico.

Mas as redes sociais não são parte da resposta, porque elas não fornecem as respostas. Elas são uma parte da pergunta e a sua participação no sombreamento do mundo, na construção de uma opacidade, é decorrente do seu processar massivo, do seu uso disseminado e constante. Esta enorme quantidade de informação trocada entre as pessoas cria uma segunda camada de realidade, e esta segunda camada não está em busca de nenhuma resposta, não possui um tempo de reflexão, mas apenas o tempo rápido da emoção e do dígito (dedos).

Nos tempos de hoje, as redes sociais são uma forma de manter o próprio mundo tecnológico em desenvolvimento crescente. As redes permeiam o nosso cotidiano e estão presentes na forma como as instituições coletam dados, controlam e, inclusive, se mostram, como, por exemplo, quando autoridades estatais comunicam as suas decisões e seus posicionamentos por meio das redes sociais. Diante disso tudo, as redes se constituem uma espécie de receptáculo de dados para serem coletados e processados por um algoritmo que busca construir um modelo preditivo, geralmente, para resolver problemas de negócios.

Este é o contexto de nosso cotidiano e estamos cercados de tecnologia e de informação, mas, mesmo assim, precisamos compreender melhor o mundo. Talvez esta necessidade ou a compreensão deficitária ocorra em dois sentidos. Em um deles nos voltamos para o ambiente comum ou público e dissemos que algo está errado em nossa compreensão, algo está deficitário. No outro sentido, podemos nem mesmo dizer nada, basta nos percebermos como desamparados. Desamparo, neste caso, significa algo como estar-sem-mundo. Nesta situação, nem mesmo percebemos

uma divisão entre o mundo público e o mundo privado, pois o que pode ser denominado mundo vai se despedaçando em uma multiplicidade de canais de informação que são absorvidos por uma visão única, individual e, talvez, narcísica. Não há uma fala ou discurso que manifeste a incompreensão sobre o mundo, pois o mundo mesmo se reduziu a uma parte do próprio indivíduo e sua incompreensão diz respeito apenas ao aparelho que carrega, principalmente, e nos desperta quando ocasionalmente tem um defeito.

Mas a incompreensão é manifestada e surge como fala, como discurso, como uma reclamação incipiente, como um déficit. A compreensão deficitária do mundo se alimenta de coisas que não compreendemos e/ou que nos surpreendem. Ambas as reações podem ser traduzidas como parte de um enigma. Qual é exatamente este enigma? Do que ele se constitui? Essas perguntas traduzem a surpresa quando se supera o contato quase estrito e exclusivo com o aparelho (quando não estamos apenas desamparados). Elas adquirem significado quando se pretende ainda conhecer o mundo, mas com um distanciamento que preserva a opinião refletida e não meramente emocional. Nesta condição, depara-se com uma modificação visível no entorno. A modificação visível é algo em ação. Este algo, que se constitui o objeto da surpresa, pode chegar até nós pelos canais usuais que adotamos nas redes sociais. Pois não se trata de rechaçar a técnica, mas saber como agir melhor junto a ela. E, usando o aparelho ou dispositivo, com superação da simples surpresa baseada no fato possível de que eles podem um dia deixar de funcionar por causa de um defeito, podemos manifestar a surpresa mais profunda em relação a fenômenos mais densos que assinalam a modificação de algo e algo em desenvolvimento. Estes sim são fenômenos dentro da época da técnica que são importantes e presentes no mundo atual, seja em nosso cotidiano, seja nas atividades das instituições que nos cercam.

Para responder à pergunta colocada acima, não são os dispositivos que constituem o enigma. Eles são *hardwares* movidos por peças físicas concretas e orientadas eletronicamente por códigos. Embora atualmente os dispositivos enquanto *hardwares* estejam se tornando cada vez mais complexos, eles são compreensíveis. A compreensão do funcionamento de dispositivos eletrônicos depende do esforço e da dedicação daquele que é interessado no assunto. Sabemos que são peças vinculadas por uma predeterminação eletrônica e sabemos que possuem códigos como os modelos elaborados por algoritmos de *Machine Learning*. Estes algoritmos podem ser explicados em uma perspectiva e em uma perspectiva interna, micro. Além disso, há elementos que podem ser considerados

mais misteriosos, como a rede neural artificial. Ela possui camadas de neurônios artificiais e algumas destas camadas são ocultas. Na velocidade do seu processamento (em paralelo dentro de um GPU, diferente de uma CPU que é linear), os pesos (ou, por assim dizer, critérios) são modificados e a cada inteiração se perdem, evitando o acompanhamento. Mesmo assim reconhecemos o fato e nos tranquilizamos com isto. A rede neural artificial pode adquirir o *status* de algo conhecido e não propriamente misterioso. Assim sendo, podemos dizer que a união entre *hardware* e código não faz o papel de enigma no mundo da comunicação e consumo em que vivemos. Então, quem faz esta enigmática? Quem assume este papel? Resposta: todos nós. Nós somos o enigma, e os dispositivos estão gerando modelos, padrões a nosso respeito para poderem interagir conosco com menor erro e menor participação humana possível. Este é um retrato do mundo cotidiano nos tempos atuais.

Diante disso, podemos fazer uma inversão um tanto surpreendente: sendo nós o enigma, não estamos usando os dispositivos para mapear o mundo, embora tudo indique que estamos usando os dispositivos para dominar o planeta e conhecê-lo. Não. Nós os usamos para mapear a nós mesmos; mundo é um pretexto constante para o início de uma pesquisa sobre nós. E este uso não deve ser compreendido de maneira trivial decorrente das redes sociais. O uso que fazemos dos dispositivos deve ser compreendido, principalmente, da necessidade de conhecermos nossos desejos e iniciativas e, com isto, gerarmos um modelo preditivo a respeito. Isto é bem diferente de fazer uma postagem em uma rede social para conhecer o outro. A rede social é, neste sentido, apenas o uso dos dispositivos, uma forma eficiente e lucrativa de coletar dados. Estes dados serão usados para gerar modelos preditivos.

Mas destacamos o que reforça ainda mais o foco no cotidiano e na tecnologia: somos nós que estamos em um processo de automapeamento cada vez mais presente e eficiente. Os dispositivos estão nos mapeando, porque nós somos o enigma. Ainda não fomos totalmente padronizados; quando nós estivermos totalmente padronizados ou conhecidos e, neste contexto, as nossas vidas estiverem estatisticamente registradas dentro de modelos com suas margens de erros calculadas, então, neste momento, os dispositivos (ou seja, a união entre *hardware* e código) talvez cessem o seu mapeamento. Nós seremos entidades completamente mapeadas e conhecidas. Neste momento da história futura, talvez não longínqua, os dispositivos poderão se voltar para si mesmos e começar uma independência frente a nós, pois seremos entidades já conhecidas. Talvez, a partir daí, possamos testemunhar a elaboração de uma Inteligência Artificial forte.

Contudo, podemos dizer que resta algo depois da frustração diante da inquietude de que nossa compreensão do mundo é deficitária por causa da complexidade que nos rodeia. O fato de que hoje compartilhamos nossas perspectivas diferentes sobre o mundo, não traz um alívio significativo a respeito de uma possível compreensão comum e universalizada. O que resta é uma inquietação latente ou explícita sobre o mundo, pois o mundo se apresenta como uma superfície multifacetada que queremos descobrir. Mas adentrar na superfície, escavar um pouco para baixo, fazer um movimento vertical, deve significar se comprometer com aquilo que já carregamos. Para compreender esta carga, a exposição destes três filósofos realizada mais acima deve servir como um subsídio, ainda inicial, para uma reflexão sobre o humano e sobre as suas relações em um mundo tecnológico, no qual não podemos simplesmente submergir.



## Referências

- AGAMBEN, G. **O uso dos corpos**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- HEIDEGGER, Martin. *A época da imagem de mundo*. In: SCHENEIDER, P. R. **O outro pensar**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Heidegger e a política** – o caso de 1933 – Entrevista para a *Der Spiegel*. In: Leão, E.C. *Tempo Brasileiro*, n. 50, jul./set. 1977 (Especial Martin Heidegger).
- \_\_\_\_\_. **Martin Heidegger im Gespräch**. 1969 (herausgegeben von Richard Wisser). Tradução brasileira: Entrevista concedida por Martin Heidegger ao Professor Richard Wisser, por Abranches, A. In: *O que nos Faz Pensar*, n. 10, v. 1, p. 11-17.
- \_\_\_\_\_. **Beiträge zur Philosophie**. Frankfurt a/M.: Klostermann, 1989, Gesamtausgabe, vol. 65.
- SLOTEDIJK, Peter. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. Estação Liberdade: São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Du musst Dein Leben ändern. Über Antropotechnik**. Frankfurt, Suhrkamp, 2009.



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
- N. 03 *O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 04 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Monteiro
- N. 05 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 06 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 07 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 08 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Kilpp
- N. 09 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 10 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 11 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edson Luis Gastaldo
- N. 12 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 13 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 14 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 15 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 16 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 17 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krichke Leitão
- N. 18 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 19 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 20 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 21 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 22 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 23 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 24 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 25 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 26 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 27 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 28 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 29 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 30 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde* – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 31 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 32 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 33 *Á meia luz: a emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 34 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 35 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 36 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 37 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 38 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 39 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 40 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 41 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 42 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 43 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa"* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 44 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edson Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 45 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 46 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 47 *"Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tarajá* – Ceres Karam Brum
- N. 48 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 49 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 50 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 51 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evi-lázio Teixeira
- N. 52 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éliada Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 53 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
- N. 54 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 55 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 56 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 57 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 58 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 59 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 60 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 61 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 62 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 63 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 64 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 65 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 66 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 67 *Darcy Ribeiro e o povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 68 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 69 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 70 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 71 *A cosmologia de Newton* – Ney Lenke
- N. 72 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 73 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini

- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Amo Alvarez Kem
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barreto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Atílio Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mário Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Penine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Marilê Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebidá
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, termo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhese
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montaño
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói* – Thomas Mann – Alexander Soljénitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airosa da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock

- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas bombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luiz do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsmans e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cascon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariêe Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Wemeck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Roberto Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wikstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social/por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrientos-Parrá
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider

- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxebarria Mauléon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a biótica – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Berinca e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevilan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Igor Ituriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters
- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fountoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneudson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Vigíada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kokozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luiz Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibemético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Mario Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza
- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Willigins
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicalizada – Luís David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage a teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo



**Itamar Soares Veiga.** Possui Doutorado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica – PUCRS, mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, graduações em Bacharelado e licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente é professor da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Metafísica e história da filosofia, atuando principalmente com seguintes temas: Heidegger e a técnica, fenomenologia e hermenêutica, lógica e computação, ética e biopolítica.

### **Algumas Obras do autor**

VEIGA, I. S.; CALGARO, C. (Org.); MADARASZ, N. (Org.). **Sociedade e ambiente: direito e estado de exceção.** 1. ed. Caxias do Sul: Educs, 2018.

VEIGA, I. S. Cotidiano e queda - **Uma Análise a partir do parágrafo 38 de Ser e tempo.** 1. ed. Porto Alegre: Editora Clarinete, 2012. 116p.

VEIGA, I. S.; Sônia Maria Schio (Org.). **Heidegger e sua época 1920-1930.** 1ª. ed. Porto Alegre: Clarinete, 2012. v. v.I. 232p.

VEIGA, I. S.. **Linguagem científica e analogias formais - metodologia.** 1. ed. Porto Alegre: Clarinete, 2010. 116p.

### **Outras publicações**

VEIGA, I.S. Em tempos de revolução 4.0, a multiplicação de olhos no controle biopolítico. Entrevista publicada por **Revista IHU On-Line**, em 13 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7575>



**UNISINOS**